

Reflexões sobre os conceitos de tempo e de crise em tempos de pandemia

Miriam de Oliveira Santos¹

Resumo

O objetivo deste ensaio é refletir sobre os conceitos de tempo e de crise, relacionando-os com as medidas de distanciamento social implantadas para conter a pandemia de COVID-19.

Palavras-chave: tempo, crise, COVID-19, pandemia.

Abstract

The purpose of this essay is to reflect on the concepts of time and crisis, relating them to the social distancing measures implemented to contain the COVID-19 pandemic.

Keywords: time, crisis, COVID-19, pandemic.

1

Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), vice-coordenadora do NIEM - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios e investigadora colaboradora no CinTurs - Research Centre for Tourism, Sustainability and Well-being da Universidade do Algarve (Portugal).



Reflexões sobre os conceitos de tempo
e de crise em tempos de pandemia
Miriam de Oliveira Santos

O fim do mundo foi anunciado diversas vezes tanto na ficção quanto na vida real. O “bug do milênio” em 2000 é um exemplo em que o assunto virou manchete mundial, prevendo o caos nas comunicações e em tudo que dependesse da informática para funcionar. Contudo, mundo não acabou, os sistemas de informação não pararam de funcionar e entre mortos e feridos salvaram-se todos. Em 2001, com o ataque as torres gêmeas de Nova Iorque, há um novo alerta de fim do mundo, choque de civilizações, etc. Depois foram as previsões relacionadas ao calendário maia que, de acordo com essa corrente, o mundo tinha data certa para acabar: 21 de dezembro de 2012².

Todavia é na ficção que a ideia de fim de mundo é mais frequente. Livros e filmes discutem incansavelmente o fim do mundo, seja ele causado por ataques alienígenas, por vírus desconhecidos ou pela ganância humana que destrói o planeta: *A guerra dos mundos*³, *2001: uma Odisseia no espaço*⁴, *Planeta dos macacos*⁵, *Epidemia*⁶, etc.

Este tema também é muito explorado na religião. Para o mundo cristão-ocidental a referência mais frequente é o apocalipse – e não por acaso Francis Ford Coppola chamou seu filme seminal de *Apocalypse Now*⁷ – mas o fim do mundo é tema recorrente de praticamente todas as cosmologias. O dilúvio, por exemplo, que acaba com a humanidade não é exclusivo da bíblia cristã, mas aparece muito antes entre os hindus, sumérios, egípcios, irlandeses, chineses, aborígenes australianos, maias e mapuches.

Só que o dilúvio nunca é um fim definitivo, em todos os mitos no qual ele aparece existem aqueles escolhidos destinados a repovoar uma terra que, purificada pela água (ou pelo sangue) está pronta para recomeçar. E talvez esteja aí a ideia mais interessante relacionada ao fim do mundo. Nunca é algo definitivo “fim e acabou”, pelo contrário, é sempre um fechamento do ciclo, o fim de uma era e o começo de outra. Nas discussões sobre o calendário maia e o fim do mundo sempre havia alguém para lembrar o conceito de tempo circular. De que se fecha um ciclo e se começa novamente.

Todo final de período traz consigo um novo começo e uma esperança de transformação, de que ao recomeçar faremos melhor. As religiões que acreditam no conceito de reencarnação são um exemplo claro desse

2

Recentemente a previsão foi atualizada com base na mudança do calendário juliano para o gregoriano e decretou-se que o fim do calendário maia ocorreria em agosto de 2020. Como sabemos, o mundo também não acabou nesta data.

3

Clássico da literatura, *Guerra dos Mundos* de H.G. Wells, teve várias adaptações, sendo a mais célebre a de Orson Welles para o rádio, que causou tumulto geral, pois as pessoas acreditaram mesmo que o planeta estava sendo invadido por alienígenas.

4

Lançado, em 2 de abril de 1968, dirigido por Stanley Kubrick, 2001 – *Uma Odisseia no Espaço*, virou um clássico que discute a ideia de superação do homem pela máquina e do tempo circular.

5

Planeta dos Macacos é uma franquia de mídia de ficção científica americana que consiste em filmes, livros, séries de televisão e outras mídias sobre um mundo onde seres humanos e macacos inteligentes se confrontam. A série começou com o autor francês Pierre Boulle na novela de 1963 *La Planète des Singes*. A adaptação para o cinema de 1968, *Planet of the Apes*, foi um sucesso comercial e de crítica, iniciando uma série de sequências e obras derivadas.

6

Filme de 1995 dirigido por Wolfgang Petersen. Fala de uma epidemia que se espalha rapidamente pelos EUA.

7

Apocalypse Now é um filme épico de guerra norte-americano de 1979 dirigido por Francis Ford Coppola e escrito por John Milius. Baseado no romance *No Coração das Trevas* de Joseph Conrad. Após seu lançamento, ganhou ampla aclamação crítica e seu efeito cultural e temas filosóficos têm sido largamente discutidos desde então. Hoje é considerado como um dos melhores filmes de todos os tempos.



Reflexões sobre os conceitos de tempo
e de crise em tempos de pandemia
Miriam de Oliveira Santos

pensamento: estamos aqui, estamos sofrendo, mas este é um aprendizado que nos levará a sermos melhores. De certa forma é o que encontramos refletido também na cultura pop com filmes como *Feitiço do Tempo*⁸ e *Questão de Tempo*⁹.

Contudo, o “fim do mundo” que se anuncia no ano de 2020 começou clássico com o número absurdo de mortes, hospitais lotados e uma doença altamente contagiosa¹⁰. Atualmente, pelo menos no Brasil, ele ganhou novos contornos. Com as medidas de distanciamento social e o *home office* observamos cada vez mais casos de pessoas “perdidas no tempo”: não sabem em que dia do mês ou da semana estão, dormem de dia e trabalham de noite, passam dias de pijama e perderam a maior parte das referências temporais.

Nas revistas e jornais achamos depoimentos de especialistas de diversas formações que afirmam, por exemplo:

“Nessa quarentena, um paciente me disse que vive um fim de semana que não acaba nunca e não tem perspectiva de acabar. Isso torna a gente mais indisciplinado”, diz Francisco Hora (Coordenador do Laboratório do Sono do Hospital Português)¹¹

Em uma reportagem do jornal Correio da Bahia, encontramos:

(...) a quebra da rotina causada pelas medidas de distanciamento social para conter o coronavírus tem alterado a noção de tempo de muita gente. O psicanalista Miguel Gomes relaciona essa tendência com a sensação que se tem quando se está de férias. “Você perde a rotina do trabalho, do colégio, e fica sem saber direito se é segunda-feira, terça-feira”, comentou. “É essa falta de uma rotina já estabelecida que se impõe a você. Isso, de certa forma, é um marco no dia a dia que ajuda a gente a organizar o tempo.” (...) “Quando a gente organiza o tempo, ajuda a organizar também a cabeça. E não é só para ele passar mais rápido durante quarentena, mas é uma coisa estruturante.”¹²

Para entender melhor a questão buscamos respostas nas teorias antropológicas sobre o “presentismo forçado” (Guyer, 2007), isto é, o um

8

Feitiço do Tempo (Groundhog Day)
Estados Unidos, 1993, Sinopse:
Um repórter que vai cobrir o “Dia da Marmota” fica preso no tempo, acordando sempre no mesmo dia.

9

Questão de Tempo (About Time)
2013, 123 minutos. Sinopse: Ao completar 21 anos, Tim descobre que os homens de sua família têm a capacidade de viajar no tempo. Ainda que não possa alterar o rumo da História, pode mudar os acontecimentos de sua vida. Assim, decide voltar alguns dias para arranjar uma namorada. É quando conhece Mary, por quem se apaixona.

10

Em dezembro de 2019, foram identificados os primeiros casos da doença pelo coronavírus 2019 (coronavirus disease 2019 – Covid-19), ocasionada pela presença de um novo coronavírus, da síndrome respiratória aguda grave do coronavírus 2 (severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 – Sars-CoV-2), originário de Wuhan, Hubei, na China. (...) A rápida progressão da pandemia de Covid-19 foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Por ser uma doença com alto potencial de transmissibilidade, por meio de gotículas ao tossir, espirrar ou falar, condutas de distanciamento social, quarentena e isolamento foram adotados em diversos países, além de instruções de higiene e etiqueta respiratória. (Ferreira et al., 2020, p.1)

11

Disponível em: <<https://canabravafm.com.br/2020/05/11/perdidos-no-tempo-como-a-pandemia-fez-as-pessoas-perderem-a-nocao-dos-dias-e-ate-sonharem-mais/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

12

Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/perdidos-no-tempo-como-a-pandemia-fez-as-pessoas-perderem-a-nocao-dos-dias-e-ate-sonharem-mais/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.



sentimento de estar preso no presente e de ser incapaz de planejar o futuro. Ringel (2020) esclarece melhor:

No momento, não sabemos quando poderemos ver nossos entes queridos novamente ou quando poderemos sair de férias. Mais do que isso, muitos de nós não sabemos quando voltaremos ao trabalho – ou mesmo se teremos um emprego para o qual voltar. No meio dessa crise, é difícil imaginar um futuro que pareça diferente do presente.

E acrescenta:

Os “tempos do coronavírus”, na realidade, consistem em diversos tempos, como “o tempo de lockdown”, “a quarentena” ou “o tempo em home office”. Aprendemos a viver esses novos tempos presentes. (RINGEL, 2020)

Contudo, é importante não esquecer que o presentismo não começa com a pandemia de COVID-19 e com as medidas de distanciamento social.

O presentismo a que estamos submetidos na atualidade, quando, além do corte com o passado, também as conexões com o futuro estão rompidas pela falta de utopias, parece tornar esse drama eterno: o risco de se viver sem referências e sem perspectivas faz essa modernidade ser vivida na forma do drama e leva à produção de memórias em excesso, numa busca permanente de referências, laços, vínculos de identidade que apaziguem a existência do homem moderno. (CHUVA, 2012, p.12)

Em consonância com o que aponta Chuva (2012), constatamos uma “hipertrofia de presente” que, segundo Hartog (2014), caracterizaria a nossa época. Jameson (2002) fala em um “novo padrão não cronológico e não temporal de imediatismos” resumido como uma “redução ao presente” (Jameson, 2002, p.707-709). Contudo, nem todos veem o presentismo como um problema. É com base nesse contexto que se deve entender a afirmação de Ford, para quem “Queremos viver no presente e a única história que vale alguma coisa é a história que fazemos hoje.” (FORD, 1916, p. 10).



Retomando a questão do tempo na quarentena, podemos refletir que o tempo é marcado por acontecimentos e todos os dias parecem iguais porque as atividades que desempenhamos não variam. Mesmo os povos que não usam calendário marcam o tempo pelos acontecimentos: o tempo das secas, das cheias, da pesca, da caçada, etc. Ainda usando a citação de Chuva (2012), podemos refletir que atualmente a sensação de estarmos em um presente eterno se dá não por falta de utopias, mas de perspectivas. Ao perder a capacidade de fazer planos porque não controlamos as variáveis ligadas à pandemia – ao desenvolvimento da vacina, a virulência da pandemia e as normas de controle da autoridade sanitária – nos sentimos impotentes.

Todavia, se a maioria se sente em um tempo de suspensão, em um estado liminar entre o passado e o futuro, existem aqueles que se voltam para o passado como um refúgio, como uma idealização dos dias felizes em que não havia crise e se sabia o que fazer. Essa atitude explica a ascensão do conservadorismo e da religião nos momentos de crise.

Afinal, religiões são conservadoras por definição, compostas por dogmas, isto é, verdades indiscutíveis, e pretendem ser sempre o ponto imutável em um mundo em transformação, contudo nenhuma religião sobrevive se não se adapta às transformações da sociedade.

Analisando os dicionários Houaiss (online) e Antenor Nascentes (1932), descobrimos que o substantivo crise vem do latim *krisis* e significa “momento de decisão, de mudança súbita”. Tem o mesmo radical que *krino*, que significa “separar, depurar”. Na medicina, é o momento que define a fase decisiva de uma doença: evolução de uma doença para a cura ou para a morte. Em economia, é “fase de transição entre um surto de prosperidade e outro de depressão, ou vice-versa”. Há consenso entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento que a crise leva à ruptura do estado anterior, e acontece em um momento em que indivíduos e/ou comunidades estão em estado de incerteza temporária e dilema, mas também estão cheios de novas possibilidades¹³.

No entanto, como os momentos de crise são também de transformações, trazem consigo insegurança e incerteza. A grande crise que resultou da transição do feudalismo para o capitalismo levou Marx a afirmar que “tudo que é sólido desmancha no ar”. (MARX e ENGELS, 1988)

13

O que nos leva de volta aos mitos de fim de mundo que tratamos no início deste ensaio.



Contudo a crise é um ponto de inflexão, um momento de não retorno, que conduz inevitavelmente a um desenlace. As noções de tempo que examinamos já estavam postas há mais de duas décadas, mas só agora se agudizaram, saindo dos debates acadêmicos e ganhando as mídias e os consultórios médicos. Da mesma forma, a crise econômica já estava posta e foi agravada tanto pela pandemia quanto pelas medidas destinadas a combatê-la.

Os romanos tinham um deus chamado Janus que regia as mudanças e transições, mas também os inícios e os términos, ele conectava o passado e o futuro, nos lembrando que em tempos de crise ganhar ou perder significa recomeçar.

Assim como os antigos romanos faziam há milhares de anos, podemos manter e criar nossos próprios rituais para tirar o melhor proveito das transições e portas, tanto figurativas quanto literais. Hoje, o culto de Janus pode ser descrito como uma busca por esperança. Uma esperança que nos ajuda a superar o conflito interno que é percorrer um novo caminho, na incerteza do futuro e vivenciando as mudanças inevitáveis.

Referências

CHUVA, Márcia. Introdução. História e patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 34, 2012, p. 11-24.

FERREIRA, JD; LIMA, FCS; OLIVEIRA, JFP; CANCELA, MC; SANTOS, MO. Covid-19 e Câncer: Aspectos Epidemiológicos. Revista Brasileira de Cancerologia, 2020. 66(Tema Atual):e-1013.

FORD, Henry. Fight to disarm his life's work, Henry Ford vows. The Chicago Daily Tribune, p. 10, 25 mai. 1916.

GUYER, Jane I. Prophecy and the near future: Thoughts on macroeconomic, evangelical, and punctuated time. American Ethnologist. Vol. 34, n. 3, August 2007, p. 409-421.

HARTOG, François. Regimes de historicidade. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.



Reflexões sobre os conceitos de tempo
e de crise em tempos de pandemia
Miriam de Oliveira Santos

HOUAISS, Dicionário Eletrônico. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#0>. Acessado em: 01 jul. 2020.

JAMESON, Fredric. 2002 A Singular Modernity: Essay on the Ontology of the Present. London: Verso, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. 3ª edição, São Paulo, Global, 1988.

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

RINGEL, Felix. Como a pandemia mudou nossa percepção do tempo. Nexo Jornal. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2020/06/26/Como-a-pandemia-mudou-nossa-percep%C3%A7%C3%A3o-do-tempo>>. Acessado em: 01 jul. 2020.